



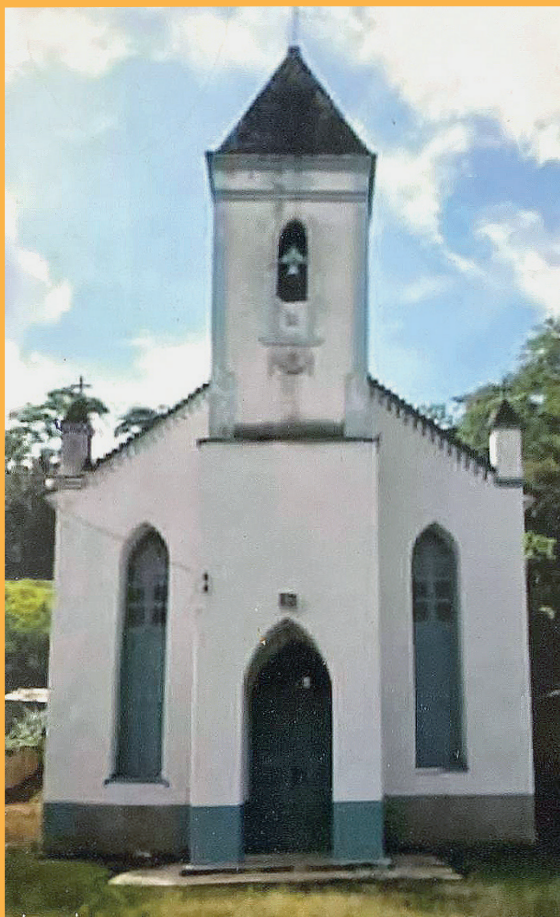
Coleção
Raízes do Futuro

14

COMUNIDADE QUILOMBOLA GESTEIRA

BARRA LONGA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras (Comunidade)

Betty, Cleusa Silva Gomes, Elisângela Evangelista (Fia), Geralda Caetana Araújo Cota Gomes, Jaqueline Aparecida Pereira Martins, Kelly Cristina dos Santos, Ladir Cota, Lourdes Evangelista, Marli Maria Gomes, Maria Francisca Miranda Bento, Maria José Bento Evangelista, Rosângela de Lourdes dos Santos Silva, Simone Silva.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 300 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA GESTEIRA

BARRA LONGA - MG

Localização da Comunidade

A comunidade de Gesteira está localizada a 14 km da cidade de Barra Longa, às margens do Rio Gualaxo do Norte, na Zona da Mata Mineira, e é formada por 71 famílias.



História

A ocupação da região de Gesteira data dos séculos XVII e XVIII, marcada pela presença de tradições religiosas e pela vida comunitária. Estima-se que a primeira igreja da comunidade tenha sido erguida por volta do ano 1600. Já em 1701 foi construída a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que se tornou uma importante referência religiosa para toda a região. Nesse período, o território era habitado por populações indígenas e negras, que viviam da agricultura, da pesca e da coleta, formando as bases da história e da resistência local.

A partir desse contexto, os moradores começaram a organizar a comunidade de Gesteira, formada com muito esforço, em sistema de mutirão, em um processo no qual todos se ajudavam e os materiais de construção eram doados. Famílias como a de José Luciano e Laurita, José Pinto e Francisca M. Pinto vieram de um lugar conhecido como Gesteira Velha. Naquela época, as pessoas viviam de plantações ou trabalhavam nas Segundo a lembrança dos moradores, a comunidade era formada por uma rua só, com casas dos dois lados, uma de frente para a outra. A maioria das construções era de pau-a-pique, com o piso feito de barro de formiga e esterco de boi. Havia uma igreja, uma escola, três vendas – sendo uma loja e dois bares. Era um lugar simples, mas cheio de vida e união entre as pessoas.

Sô Chico, como era conhecido Francisco Damascena, é lembrado como um dos moradores antigos. Ele nasceu na Colônia Almecega e morava no mesmo local com a família, mas depois de descobrir uma doença passou a viver sozinho. Trabalhava muito na roça com plantação de arroz, feijão, milho, inhame, mandioca e batata. Mesmo doente, nunca parou de trabalhar, até falecer.



■ Mapa simbólico da Comunidade Quilombola de Gesteira

Francisca Zefirina, conhecida como Sá Chiquinha, era uma mulher escravizada que trabalhava nas fazendas. Nasceu em Pedras, teve muitos filhos e morava em terras de fazendeiros, pois seu marido não tinha terra. Depois, foi morar na Gesteira, numa casa da Sociedade de São Vicente de Paulo. Era uma pessoa muito boa, gostava de pescar e cantar na igreja. Tinha uma marca no braço e contava que dormia amarrada na senzala. No dia 2 de outubro de 1978, voltando do velório de seu filho, sofreu um acidente de carro ao cair da ponte no rio e perdeu a vida. Junto com ela também morreram sua bisneta e o motorista. Foi uma tragédia muito triste.

As casas mais antigas da comunidade eram feitas de ripa, bambu e barro. As famílias viviam de plantar milho, feijão, arroz, hortaliças, abóbora, mandioca, batata-doce, café e inhame. Tudo isso era plantado em terras de fazendeiros como

Geraldo Carneiro, José Higino Cotta, Sô Virgílio e Sá Dodona. Esses fazendeiros tinham senzalas e tratavam os trabalhadores como escravos, com muita crueldade.

Mesmo com a vida dura, havia momentos de alegria. As crianças brincavam de peteca, jogavam baralho, 21, bola, faziam rodas, dançavam, contavam histórias, tocavam violão e faziam serenatas. O Natal era muito esperado, porque era quando se comia arroz e macarronada, que no dia a dia eram difíceis de ter. Na Semana Santa, tudo tinha que ser feito até o meio-dia de quinta-feira: varrer a casa, socar arroz, picar lenha, preparar a comida. Depois disso, não se podia gritar nem falar alto, tudo era feito com respeito. Também havia terreiros onde se secavam grãos como café, arroz e feijão, e onde se brincava e dançava. Quando havia festa, as comunidades vizinhas se reuniam para festejar juntas, com muita alegria e união.



■ Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Gesteira.

Em 1973, uma grande enchente destruiu todas as casas daquela região, e por isso muitos foram morar em uma nova área na região.

Outro momento marcante da história da comunidade foi o desastre causado pelo rompimento da barragem de rejeitos de

mineração da denominada “Fundão”, controlada pela Samarco Mineração S.A, pela Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton. O rompimento destruiu tudo o que muitas famílias haviam construído com tanto esforço. Geralda Magela Pinto da Luz, por exemplo, conta sua história com muita emoção. Ela nasceu em 14 de setembro de 1958 e estudou até o 4º ano numa escola que funcionava no porão da fazenda Monte Alegre, onde morava com os pais, Geraldo Guilherme e Efigênia. A escola era dirigida por Dona Maria, esposa do fazendeiro Jofre. Ela recebia seu salário pela prefeitura de Mariana, e precisava ir a cavalo até a cidade para receber. Geralda e sua família plantavam milho, feijão, amendoim, batata-doce e abóbora, tudo dividido com o fazendeiro. Os mais velhos diziam que alguns lugares eram assombrados, pois haviam sido moradia de muitos trabalhadores escravizados. A casa dela era de pau-a-pique, muito simples, mas cheia de amor. Em 1975, casou-se com Dirceu da Luz e foram morar em Cidreira (Gesteira), onde construíram sua casa. Eles tiveram sete filhos, cinco netos e um bisneto.



■ Vista da comunidade de Gesteira após rompimento da barragem de rejeitos de Fundão, em novembro de 2015.

Em 2015, enquanto assistia à televisão com o marido e a neta Rayssa, recebeu o aviso do filho Hélio de que a barragem havia estourado. Saíram com a roupa do corpo e em pouco tempo perderam tudo. Dormiram no mato, com fome e sede, e passaram 15 dias num curral emprestado, dormindo no chão junto com os animais. A lama levou também o galinheiro e todas as galinhas.

Já se passaram nove anos desde o desastre, e eles ainda não receberam nada como compensação. Vivem sobre a lama química, num lugar que antes era cheio de vida e beleza, e agora é perigoso e triste. As plantas estão morrendo, e a esperança também.

O rompimento da barragem em 2015 destruiu completamente o núcleo histórico de Gesteira Velha. Terrenos produtivos, hortas e roças desapareceram, causando grande impacto à vida da comunidade.

Além desses relatos, alguns documentos importantes foram levantados nesta pesquisa, como lembranças de pessoas que ficaram guardadas na memória dos moradores: Vicente Xisto da Silva, conhecido como Vicente Amélio, nasceu em 6 de agosto de 1926, casou-se em 1º de outubro de 1956 e faleceu em 29 de março de 2015. Era filho de Joaquim Mário da Silva e Maria Felipe Pinto, e trabalhou em fazendas da região. Possuía certidões de nascimento, casamento, óbito, carteira de trabalho e título de eleitor. Vicente nasceu em Gesteira e fazia rapadura e pinga, além de plantar hortas. Ele deixou 6 filhos, 16 netos e 15 bisnetos.

Maria Geralda Bento nasceu em 6 de abril de 1938, casou-se em 15 de janeiro de 1955 e faleceu em 20 de fevereiro de 2019. Era filha de João Eleotério Bento e da parteira Maria de Paula da Cruz, e também trabalhou nas fazendas da redondeza. Possuía certidões de casamento, óbito e RG. Deixou 6 filhos, 15 netos e 7 bisnetos.

Dona Vera relembra o passado:

“A festa religiosa era lá embaixo. A festa cultural a gente fazia um pouco na praça e um pouco lá embaixo, no lado. Talvez fazer as comemorações cá em cima, as falas, os acolhimentos, e aí tinha aquela passeada que ia lá para o adro, que lá tinha um salão, uma cozinha bem grande, espaço, muito verde, um adro muito bonito. Então a gente era... uma só comunidade. Só atravessava a ponte. Mas era uma só comunidade.”

Território

A comunidade de Gesteira foi formada por famílias que vieram de outras regiões, principalmente depois de passarem por momentos difíceis, como enchentes e falta de condições para viver. Os antigos moradores trabalhavam em fazendas e engenhos das redondezas, realizando atividades como o plantio de milho, feijão, arroz, abóbora, cana-de-açúcar, café, além da fabricação de rapadura, pinga e o cuidado com os animais das propriedades.

As plantações e colheitas de frutas, plantas e matérias-primas aconteciam tanto nessas fazendas quanto nos próprios terrenos da comunidade. No passado, as águas utilizadas vinham de nascentes cuidadas pelos trabalhadores das fazendas, especialmente os negros. Com o passar do tempo e depois da tragédia causada pela lama de rejeitos da barragem, a comunidade passou a usar água de poços artesianos, já que a natureza local foi gravemente afetada.



■ Comunidade Quilombola de Gesteira - antes e depois do rompimento da barragem de rejeitos de fundão.

Antes do desastre, os espaços de lazer eram mais variados e incluíam festas religiosas e culturais, quadrilhas, danças, músicas e jogos de futebol. Hoje, o único espaço de lazer que restou é a quadra da escola, que funciona mesmo com a escola interditada. Para cuidar da saúde, os moradores contam apenas com uma pequena policlínica.

Os rios eram usados para o banho, pesca e até para o garimpo. As terras eram destinadas às plantações e hortas, e as matas forneciam lenha. Hoje em dia, os moradores continuam usando esses elementos da natureza, mas de forma mais cuidadosa. As ervas são usadas para fazer chás e xaropes para tratar doenças, frutos e raízes servem de alimento. A pesca, o cultivo e a colheita ainda são fundamentais para a alimentação e a sobrevivência.



■ Atividade sobre território de Gesteira apresentado no Projeto Raízes do Futuro

A comunidade cuida da natureza com responsabilidade. Os moradores evitam pescar em época de reprodução dos peixes, não jogam lixo nos rios e lagos, não fazem queimadas nem desmatamento e economizam água.

De acordo com o Decreto 4.887/2003, o território quilombola é aquele ocupado por remanescentes das comunidades negras, que o utilizam para garantir sua reprodução física, social, econômica e cultural. A comunidade de Gesteira, por sua história de resistência desde os tempos da escravidão até os dias de hoje, tem seu território próprio, construído ao longo do tempo pelas experiências e vivências em suas terras. Embora

nem todas as áreas que foram importantes no passado ainda existam, como fazendas, casas, igrejas e escolas, os relatos dos mais antigos ajudam a manter viva a memória de como era a vida décadas atrás.

A comunidade é formada em sua maioria por parentes próximos, que compartilham suas atividades produtivas e de convivência. Mesmo com tantas perdas e dificuldades, o povo de Gesteira segue resistindo, cuidando do que resta, preservando a memória e mantendo vivas suas tradições e modos de vida.

Economia e Sociedade

O fluxo econômico da comunidade de Gesteira envolve tanto os produtos e serviços que precisam ser adquiridos de fora quanto aquilo que a comunidade produz e comercializa.

Entre as entradas, ou seja, o que a comunidade precisa adquirir de fora, estão alimentos como arroz, feijão, óleo, leite e outros itens básicos, além de eletrodomésticos, energia elétrica, internet, combustível, gás, material de construção, roupas, medicamentos, ferramentas, vasilhame de cozinha, móveis e mão de obra. Os alimentos vêm sobretudo de Barra Longa, já os itens de vestuário têm origem em Ponte Nova, pois na comunidade de Gesteira não há mercados ou comércio de roupas. A feira local oferece verduras, frutas e legumes.

Entre as saídas, ou seja, o que a comunidade produz e comercializa para localidades vizinhas, estão derivados do leite, como queijo e requeijão, artesanato com pintura e crochê, quitandas como rosquinhas, bolos e doces, além de cachaça. Também são oferecidos serviços de mão de obra, como pedreiro, pintor, costureira, manicure e cabeleireiro, além de alimentos como ovos e galinhas. As quitandas são enviadas principalmente para Mariana, enquanto o artesanato chega a Belo Horizonte.



■ Tradicionais formas de queijo feitas de madeira.

Ao longo do ano, a comunidade de Gesteira organiza suas atividades em torno da agricultura, das festividades religiosas e de momentos de convivência coletiva



■ Colheita de feijão pelos agricultores Vicente Vitor Gomes e os filhos, Martiano e Marlon.

Em janeiro, as famílias realizam a colheita de manga e goiaba. Fevereiro é dedicado ao plantio de feijão, realizado por mulheres e homens. Em março, ocorre o preparo da terra e o plantio de hortaliças nas propriedades das famílias.

Em abril, a comunidade celebra a Semana Santa, com a realização da via-sacra nas casas. Maio é marcado pela Festa da

Lua Cheia, pela celebração do mês de Maria e pela colheita de laranja em família. Durante junho, homens e mulheres participam da colheita de feijão, envolvendo toda a comunidade.

Em julho não há atividades específicas registradas. Já em agosto, as famílias realizam o culto de Ação de Graças. Setembro é dedicado à celebração de São Vicente de Paula.

Em outubro, a comunidade comemora o Dia das Crianças e realiza o plantio de milho. Ainda nesse mês, a comunidade de Gesteira foi reconhecida como comunidade quilombola pela Fundação Palmares em 8 de outubro de 2024. Posteriormente, em 2 de novembro de 2024, a comunidade fundou a Associação Quilombola Gesteira, criando formalmente sua organização.



■ Apresentação Grupo Fênix na Comunidade Quilombola Gesteira.

O ano se encerra em dezembro com a festa do padroeiro da comunidade, o campeonato de futebol de Gesteira e o aniversário comunitário do morador Carlos, momentos que fortalecem os vínculos sociais e culturais da localidade. ■



CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

